

O Repertório do Usuário

Carlos Alonso

“O que é bom para o arquiteto é bom para todos”; crença muito divulgada nas escolas de arquitetura e nos escritórios de projetos e que tem causado muita frustração a arquitetos que vêm “desvirtuadas” suas “intenções de projeto” ao verem suas obras sendo vivenciadas de forma “inadequada”. Essa frustração se verifica sobretudo quando se trata de obras públicas (como uma praça) ou em projetos de habitação popular (como um conjunto habitacional).

Sem dúvida, há um choque entre o repertório daquele que projeta e o repertório daquele que consome esse projeto; e não é mais possível crer que, pertencendo a camadas sócio-econômicas diferentes e tendo, portanto, vivências absolutamente diversificadas, o arquiteto domine o repertório do usuário.

Na tentativa de diminuir esse distanciamento entre o ato de projetar e a utilização de espaços, vimos a necessidade de propor atividades onde o usuário pudesse manifestar os *significados* que ele atribui ao seu entorno espacial existente e, ao mesmo tempo, que possibilitasse uma interação entre o nosso repertório e o dele. Essas experiências foram realizadas na

Grande São Paulo em bairros de população de baixa renda, na medida em que é aí que se verifica uma maior intervenção do usuário na produção do espaço, seja pelo trabalho assalariado, seja pelo processo de auto-construção, seja por improvisação de toda ordem pela utilização de materiais diversificados, etc. Formaram-se grupos de moradores e foram colocadas à disposição máquinas fotográficas tipo Instamatic para que cada um pudesse registrar a forma como “vê” seu espaço vivencial cotidiano. As fotografias eram então ampliadas e retornavam ao grupo para que, através de painéis, fosse discutido o que cada um tinha produzido.

Esse tipo de experiência produz alguns resultados positivos. A manifestação do usuário se dando através da fotografia elimina a resposta puramente verbal causadora de reduções muitas vezes enganosas. Isto porque há uma apreensão ótica, tátil, olfativa e auditiva do ambiente que não pode ser transformada verbalmente em suas dimensões aproximadas, e a fotografia permite o registro dessas sensações.

Essa maneira de atuar revela a contradição que existe entre a formação do pesquisador que *interpreta* o objeto e a do pesquisado que *executa* esse objeto. Nesse sentido ela visa uma *ação cultural junto* com o morador, o que nos obriga a uma “abertura” teórica já que a participação do usuário permite a reflexão de temáticas que o preocupam, não previstas pelo pesquisador. Por um lado, a fotografia age no sentido de obrigar o fotógrafo a eleger determinado aspecto da realidade complexa que o cerca, ele é obrigado a apontar a máquina para algum lugar; por outro lado, ela realiza um corte sincrônico dessa realidade, conseguindo captar (enquanto máquina) imagens que não são de imediato “percebidas” pelo olho humano. Assim sendo,



Foto 1

A produção da imagem revertida ao seu contexto de origem — Em exposição realizada na Vila Remo, observou-se que as fotografias adquirem significação para a comunidade e o reconhecimento do seu código: os problemas abordados pelas imagens são retirados do aparente isolamento e são vistos como problemas gerais do bairro.

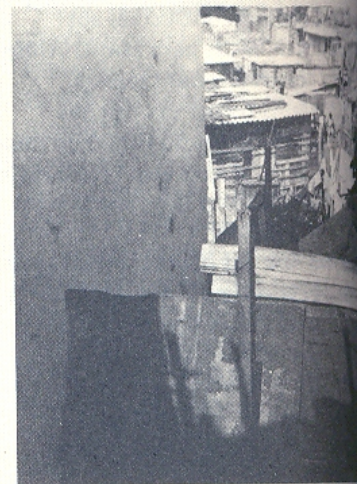


Foto 2

Geraldo - Jardim Miriam — Os diversos aspectos da imagem não são percebidos pelo usuário; ele não estetiza a foto, simplesmente registra o espaço para fotografar o acúmulo de lixo. A foto não é, para ele, um objeto em si mesmo, mas apenas um referencial para o objeto concreto para o qual ele aponta a máquina. Imagens de baixa qualidade não o impedem de discursar sobre o que está registrado.



3

Foto 3, 4 e 5

Necessidade de se registrar as "improvisações" constantes que o morador de baixa renda é obrigado a fazer para resolver alguns problemas imediatos. A falta de recursos induz o morador a se utilizar de sobras industriais, reaproveitar objetos velhos ou comprar materiais de baixo custo, recriando objetos ou reformulando espaços, segundo a sua capacidade técnica e criadora.



4



5



6

Foto 6

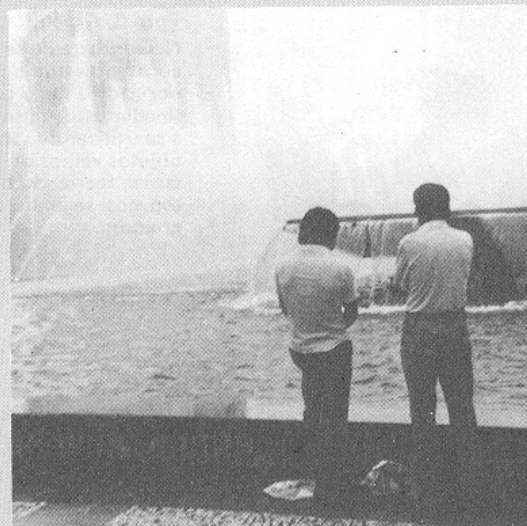
Joselinda - Jardim Miriam — Corte sincrônico: de início o que interessa é o bebê, posteriormente se problematiza o acúmulo de objetos dentro do quarto. Televisão, rádio, armário de cozinha, cama, berço, convivem num espaço diminuto. A parede torna-se índice de umidade e é suporte da decoração: nu retirado de revista e cartaz de propaganda de tintas.

este processo de escolha e de registro sincrônico de determinado fenômeno estabelece uma base comum de discussão entre o pesquisador e o grupo de moradores.

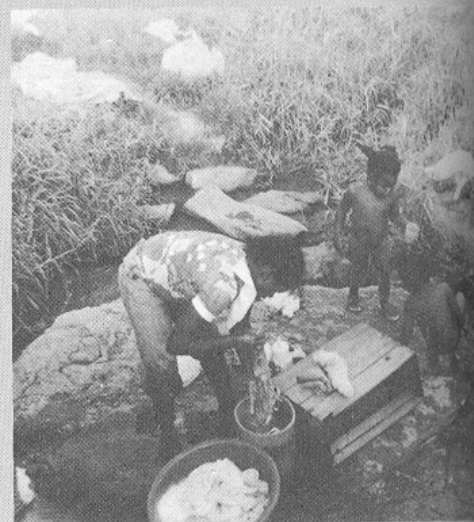
Através da discussão do material fotografado, o morador se transforma em pesquisador, já que a produção de conhecimento, o levantamento de prioridades, a interpretação da realidade, está sendo feita conjuntamente e, portanto, com sua contribuição. A exposição dessas fotografias para a comunidade do bairro passa a ser uma intervenção cultural, passa a existir ela própria como manifestação de cultura.

Partimos do princípio de que tendo como referência o mesmo meioambiente, morador e pesquisador irão percebê-lo de forma diferenciada segundo seus respectivos repertórios, já que o primeiro o vivencia no seu dia-a-dia e o segundo o interpreta de forma teórica. Experiências desse tipo levam em conta a possibilidade de uma aproximação entre o vivencial e o teórico, onde vivência e teoria possam interagir, onde *vivência e teoria partam de uma mesma ação*. Obtém-se um aumento de percepção do meioambiente pela aprendizagem, eixo principal da formação da cultura. Morador e pesquisador serão sujeitos ativos: terão uma atitude frente ao mundo; ele não está sendo descrito mas problematizado (ver Paulo Freire, "Ação Cultural para a Liberdade"). Há, evidentemente, campos distintos de interferência de um e de outro.

X O significado (traduzido em uso) que o usuário atribui ao seu espaço vivencial torna-se não só orientador ao ensino e à prática de projetos, mas possibilita o questionamento da metodologia de projeto empregada hoje em dia na qual o usuário é referenciado de forma distante, não encontrando possibilidade de interferência no processo de projeção.



7



8



9

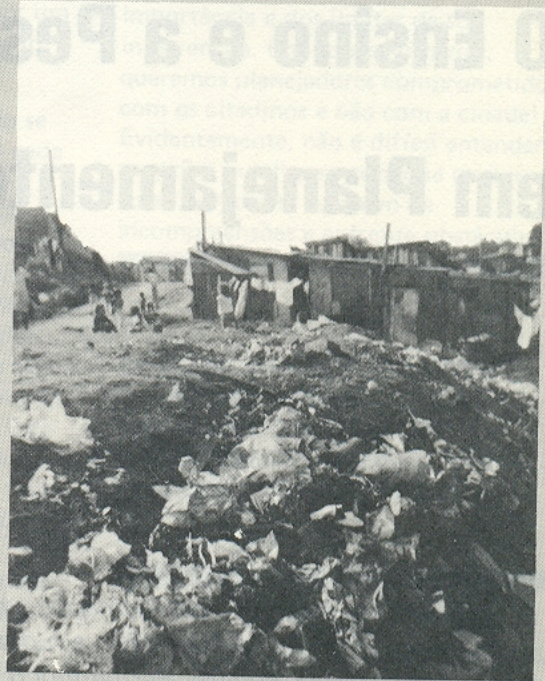
fotos 7,8 e 9

Josafá — Cidade Ademar — A disposição das fotos em painéis possibilita a leitura comparativa de diversos lugares da cidade que passam a ser percebidos ao mesmo tempo. No caso da água, a apreciação lúdica das fontes da praça da Sé não é negada pelo fotógrafo, mas é reafirmada a precariedade dos serviços da água no bairro: a aplicação diferenciada dos recursos públicos por parte da administração governamental é percebida e passa, então, a ser objeto de discussão. Ressalta-se que uma série de atividades relacionadas aos afazeres domésticos são realizadas num espaço público.



Fotos 10 e 11
 Ari - Vila Remo — A
 acumulação de pessoas num
 espaço pequeno é vista de duas
 maneiras: numa "ela é ruim
 porque a gente tem que ficar
 trocando o horário pra dormir,
 porque não dá pra dormir tudo
 ao mesmo tempo". Em outra
 "ela é até legal porque as
 crianças aprendem a crescer
 amigas, se divertem, uma toma
 conta da outra e até uma
 esquenta a outra no frio;
 mesmo que eu tivesse uma casa
 maior elas iam dormir juntas
 mesmo".

10



11

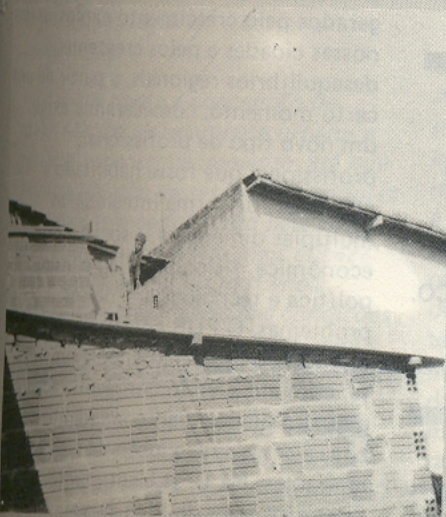
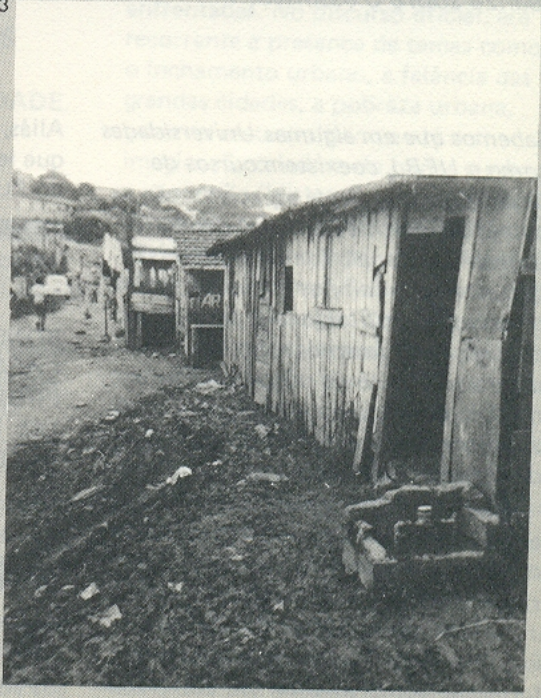


12

Fotos 12 e 13

Sérgio - Jardim Thomás — Constata-se que a fotografia, mesmo
 na sua limitação de ser imagem, provoca o despertar de outros
 sentidos, que não o da visão. A ausência do cheiro e a falta de
 sensação de umidade na imagem causa, de início, certo
 estranhamento quando o fotógrafo vê ampliada sua foto.
 Reconhecido, entretanto, o espaço, ele passa a discursar sobre o
 que pretendeu registrar e aponta alguns indicadores visuais na
 fotografia, causadores dessas sensações: o lixo e o barro.

13



14

Foto 14
 Zé Leite - Vila Remo — De
 forma geral, nos bairros onde
 estas experiências foram
 realizadas, existe a consciência
 de que, à revelia (ou não) do
 saber acadêmico, à revelia (ou
 não) do saber profissional, à
 revelia (ou não) do Poder
 Público, as "habitações"
 continuarão a ser construídas
 segundo os recursos e os
 conhecimentos de que se
 dispõe porque "é preciso
 morar em algum lugar".